

A BATALHA

SÁBADO, 5 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2151

A vida encarece assustadoramente e a crise de trabalho aumenta

A melhoria que o custo da vida sofreu há meses, e que serviu de pretexto à baixa de salários, é hoje uma perfeita ficção. Os gêneros de primeira necessidade, os artigos mais essenciais à nossa condição humana, sem um motivo forte a justificá-lo, sobem de preço quasi diariamente, com uma sacerimônia que assusta, com um desassombro que assusta.

As autoridades encarregadas de regularem a usura dos homens do balcão prosternam-se perante a sua ousadia, curvam-se mesmo à omnipotência de sua magestade—o Comércio.

O governo, a quem devia merecer respeito a negra perspectiva da fome, longe de criar medidas conducentes ao equilíbrio dos preços dos gêneros, promulga ainda decretos que mais vem agravar a situação.

Não querendo reportar-nos a todos os disparates—que passe o eufemismo—do governo sobre problemas econômicos, não podemos, contudo, deixar sem referência o que concerne às carnes.

Como acentuámos na devida oportunidade, a proibição da entrada de gado estrangeiro em Portugal, muito especialmente de gado argentino, traria como inevitável o aumento de preço do produto. E' de elementar economia que não podendo o gado nacional cobrir as exigências do consumo a falta do gênero havia de fazer-se sentir. Com a carência do produto toda a gente sabe muito bem que a elevação do custo não se faz esperar. Foi o que sucedeu com as carnes, e o que sucederá com todos os gêneros.

O governo não quis ver assim, porque não tinha interesse em que a carne se mantivesse no seu preço actual, porque não se preocupava com a sua escassez. Daí o aumento de preço que se verificou há dias na carne de vaca, daí o aumento de um escudo em quilo na carne de carneiro e que ontém se verificou.

Quem é o principal culpado? A lavoura e a marchantaria, ou o governo?

As mesmas causas se verificam na elevação dos outros gêneros, e por isso as batatas subiram 35 centavos em quilo, os ovos encareceram e segundo ameaça dum importante fabricante de calçado, um par de botas vai dentro de dias custar mais cinco escudos, isto, é claro, na melhor das hipóteses.

Como se vê, as proporções do custo da vida são deveras assustadoras. Nem um único recurso, nem uma única saída tem o proletariado neste momento para enfrentar o negro quadro!

Outrora, com a abundância de trabalho, o operariado ainda poderia recorrer à greve prô-aumento de salário; outrora ainda o proletariado, para enfrentar a negra miséria de que a carestia é motivo, poderia recorrer ao movimento para elevação de salários. Hoje nem isso, porque a crise é grande e flagrante, e o trabalho que existe ainda está sujeito às pretensões de baixa de salários, pretextadas nas melhorias do custo de vida!

E' um "gachis" tremendo este da carestia da vida e da crise de trabalho. Para que o operariado não sobre aos seus efeitos, ele terá que acudir como único recurso manter intactos os seus salários se não puder elevá-los de harmonia com a ascenção do custo da vida.

Foram ontem pronunciados mais 6 presos como presumíveis componentes da Legião Vermelha

Foram ontem enviados ao 3º juiz de investigação criminal os presos sociais Mauel Viegas Carrascal, José Gordinho, José Maria da Cruz, António Gonçalves, José Marques e António Pereira, acusados de tomarem parte no atentado ao sr. Ferreira do Amaral e fazerem parte da "Legião Vermelha". A acusação, no que respeita ao atentado, foi julgada insubstancial, sendo os presos pronunciados como presumíveis componentes da "Legião Vermelha".

A todos os presos foi arbitrada a fiança de 50 contos que não prestaram.

Escusado será referir que houve ontem o mesmo aparato que nos demais dias, não faltando a proverbial delicadeza da guarda republicana para com as pessoas que procuravam inquirir o que havia.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

A manifestação dos estudantes do Pôrto, supondo pugnar por uma era de liberdades, mas não fez do que incensar uma ditadura

A manifestação que últimamente os estudantes portuenses efectuaram, poderia merecer-nos certa simpatia se não tivesse a torná-la perniciosa um vincido cunho de patriotismo fascista. Não quer isto dizer que na onda manifestativa não fôssem muitos acadêmicos de boa fé. Não quer isto significar que bastantes populares, deixaram-se arrastar por uma burilada fraseologia especulativa, não secundassem o acto com boas intenções de sentimento humanitário.

Mas vistas as coisas pelo seu verdadeiro lado, observa-se por detrás de tudo isto um formidável dêdo de gigante mussoliniano. Habilitemos-nos a pensar assim desta maneira, as próprias afirmações estouvadas de alguns oradores que, no seu esturrado patriotismo da última hora, disseram ser preciso ir aos quartéis arrancar aqueles oficiais do exército que ainda possam existir honrados, para se iniciar uma revolução que dignifique a pátria, que avolumem um Portugal maior...

Qual revolução que torne capaz num Pôrto maior? A da libertação de um povo escravizado? Mas isso seria o termo do poderio dos vilões, dos miseráveis, dos abutres, dos biltres, dos traidores que têm sangue sugado o corpo dos trabalhadores e vendido a sua camisa esburacada...

"Os vilões, os miseráveis, os abutres, os biltres, os traidores" que têm vilmente tripliado sobre a macerada carcassa do povo que trabalha, que constrói as grandes fortunas e as invejadas felicidades solarengas, tanto se encontram nas colônias como no próprio continente...

O povo tem aguentado toda a sorte de vexações, toda a espécie de tiranias, toda a maneira de vampiragem. Vergado ao peso das iniquidades económico-sociais, chicoteado pelas duras correias das perseguições políticas, — o proletariado tem caminhado, exaurindo-se em sangue, pelos terríveis cardos da miséria. Quando tem usado erguer a cerviz contra os tiranos e exploradores, defendendo, num uso legítimo de conservação do eu individual e colectivo, o seu direito à vida — o escravo, o iloto, o sudra, o servo da idade moderna, é arcaudizado pela fúria da soldadesca mercenária, é metralhado pelo vandalismo da guarda... E' todavia—oh! intelectuais do nosso tempo, oh! academia da nossa época!—aqueles que cursam, aqueles que estudam, aqueles que dizem cultivar o cérebro nas sombrias catedras da ciência e da filosofia para orientar os povos—não têm saído, salvo esporádicos casos, à estacada na defesa fidalgo desse sublime Prometeu, cujos figados estão sendo devorados pelos abutres do Capitalismo e do Estado!... Esse que agora dizem viver "para o Futuro", para "os grandes princípios do Amor que ainda não floresceram em terra portuguesa"—segundo o próprio manifesto dos estudantes—conservaram-se sempre abutivos, no mutismo, perante as maiores prepotências dirigidas contra aqueles mesmos que constituem também uma mocidade, embora não dourada, que aprendem as duras lições, os amargos exemplos, as crueis experiências nesta grande Escola, nesta imprensíssima Universidade—a Oficina, onde se fina

Nem sequer há o direito de protestar contra os atropelos à lei?

Li num diário da manhã que a guarda do Congresso Nacional havia sido reforçada a torná-la perniciosa um vincido cunho de patriotismo fascista. Não quer isto dizer que na onda manifestativa não fôssem muitos acadêmicos de boa fé. Não quer isto significar que bastantes populares, deixaram-se arrastar por uma burilada fraseologia especulativa, não secundassem o acto com boas intenções de sentimento humanitário...

Nunca apareceram nas horas mais difíceis, como agora de cruenta "chômage" para os trabalhadores portugueses, a gritar para os trabalhadores portugueses, para os ilibusteiros, para os soberbos barões de todos os clãs da finança, da indústria, da agricultura e do comércio—que "ao por castigo que lhes poderemos dar, castigo que inscrevem os letres vermelhas de sangue "nas páginas fulgorantes da nossa história", a história da emancipação dos povos em geral...

E' entanto, vieram agora, na manifestação patriótica que se acabou de efectivar, falar também em nome do povo trabalhador—aquele mesmo que tem sido por vezes bárbaramente ironizado por esses futuros dirigentes da sociedade burguesa que andam as voltas com os velhos alfarrábios da educação oficial anacrônica...

Respeitamos, sim senhor, a liberdade que a academia tem de se revoltar contra os vilões, os miseráveis, os abutres, os biltres, os traidores" das nossas colônias teatralmente pelas duras correias das perseguições políticas, — o proletariado tem caminhado, exaurindo-se em sangue, pelos terríveis cardos da miséria. Quando tem usado erguer a cerviz contra os tiranos e exploradores, defendendo, num uso legítimo de conservação do eu individual e colectivo, o seu direito à vida — o escravo, o iloto, o sudra, o servo da idade moderna, é arcaudizado pela fúria da soldadesca mercenária, é metralhado pelo vandalismo da guarda...

Respeitamos, sim senhor, a liberdade que a academia tem de se insurgir contra os vilões, os miseráveis, os abutres, os biltres, os traidores" das nossas colônias lembramos que a campanha emocionante que se está a fazer, não deve ser de exclusividade daqueles que tem sido por vezes especulação patriótico-fascista, iludindo a boa-fé do público, mas sobretudo deve ser canalizada num sentido libertador, humano, contra a escravatura, a exploração, a tirania que os altos comissários, os altos fazendeiros, a alta finança de todos os grupos estrangeiros ou nacionais estão exercendo, quer no continente, quer nas possessões ultramarinas, contra o povo trabalhador, branco ou negro, velho ou novo, mulher ou homem...

Assim é que os estudantes demonstram a sua isenção política, os seus verdadeiros intutos de escorreram todos os dossiês, não só da pátria, mas de toda a humanidade—demonstrando, portanto, que a sua inteligência, que os seus conhecimentos, que a sua cerebração ideal não desesperam para o fascismo—maior tirania ainda, mas para a luta pela Liberdade de todos os direitos ao pão do alimento e da instrução.

Caso contrário—afirmam e confirmam as suas tendências políticas para o estabelecimento dum feroz ditadura mussoliniana, no mutismo, perante as maiores prepotências dirigidas contra aqueles mesmos que constituem também uma mocidade, embora não dourada, que aprendem as duras lições, os amargos exemplos, as crueis experiências nesta grande Escola, nesta imprensíssima Universidade—a Oficina, onde se fina

C. V. S.

O que nos disse um funcionário hospitalar sobre o provimento de vagas do pessoal dos hospitais feito por contrato

O decreto 11267 que extinguiu o ministério do Trabalho, no seu artigo 52, contém uma disposição que lesa profundamente o pessoal dos hospitais civis. E' ela do seguinte teor:

"Serão providos por contratos os Ingares dos seguintes funcionários e empregados dos Hospitais Civis que de futuro vagarem: pessoal de economato, dos serviços de fiscalização e polícia hospitalar, pessoal dos balneários, exceptuando os enfermeiros, pessoal de cozinha, pessoal auxiliar dos serviços farmacêuticos e dos serviços de enfermagem, podendo porém o economy passar a situação de funcionário vitalício decorrido pelo menos um ano de efectivo serviço, se, pelos seus bons serviços e provada competência, o director geral dos hospitais assim o julgar conveniente."

Pelo decorrer das sessões do congresso dos serviços de saúde verificámos que o aludido decreto provocara um grande descontentamento na numerosa classe, desconcertamento de que já se observava um princípio de revolta.

Ponto do nosso reporter em campo, no hospital de São José, por intermédio dum dos mais categorizados funcionários hospitalares, conseguiu apurar o que o leitor vai concretizar. Antes advertimos que, por o regulamento não permitir que funcionários hospitalares dêem extrevidas, se omite o nome do entrevistado. Eis as suas declarações:

"O artigo 52 do decreto 11267 veio criar os pessoal dos hospitais civis a pior das situações, o mais negro dos futuros.

"Quando uma classe, como a nossa, afirma num congresso a sua personalidade moral, só como provocação aceitáramos o mostrengue, se não suboressâmos que ele foi publicado antes da nossa assemblea.

"Até onde nos prejudica o decreto?

"De momento" não posso marcar a sua delimitação. Mas isso pouco importa. O que interessa saber é que funcionários hospitalares com 20 e 30 anos de casa, com a saída arruinada, sem outro meio de vida que não seja aquele adquirido num longo exercício, podem amanhã ser votados ao ostracismo, podem amanhã ser relegados como coisas infames.

"Como assim?"

"Eu lhe explico. As vagas que o malafadado artigo 52 manda prover por contrato, eram até aqui providas por antiguidade ou por concurso. E' dizer: quando havia uma vaga ela era preenchida por direito de antiguidade, ou por concurso se o cargo obrigasse a um exame.

Os crimes dos "gaioleiros", o desleixo da Câmara Municipal, e o que entende útil o S.U.C. Civil para acudetar a vida da população

A desenfreada ambição e a falta de competência técnica e profissional dum enorme catervo de aventureiros sem escrúpulos aliados à incompetente fiscalização da Câmara Municipal, tem causado, nos últimos anos, inúmeras derrocadas de prédios ainda em construção ou depois de construídos. A continuar esta obra de destruição sem que, quem de direito, tome as necessárias e imediatas providências, dentro de breves poderão constatar-se tragédias como a da travessa do Turiço e a de Campo de Ourique em que pereceram algumas dezenas de pessoas.

Inúmeras vezes o Sindicato da Construção Civil se tem ocupado deste grave e importantíssimo problema, reclamando da Câmara Municipal e dos governos medidas tendentes a garantir as vidas e os baveres da população e a dos operários que na construção civil exercem a sua actividade profissional. Todos estes esforços têm, até resultado infrutíferos.

E' devido à impunidade que aos "gaioleiros" têm concedido as entidades acima citadas que já no inicio do inverno se registaram desastres, alguns dos quais, só por acaso, não tiveram consequências graves.

Entre os desmoronamentos que se deram na sexta-feira da semana transacta conta-se aquela gaiola das Linhas de Torres da qual é proprietário António Joaquim Araújo, um reles aprendiz de carpinteiro que naquela percebeu da profissão se dedicou a levarem os caboucos até à profundidade de dois ou três metros, e em cima da terra começaram constituindo os alicerces dum maneira verdadeiramente atrabilíria, sem a indispensável e competente travação e com argamassa insuficiente e de péssima qualidade. Eis porque se dão os desmoronamentos.

A Câmara Municipal é entidade mais responsável pelos desmoronamentos, pois que, se os quisesse evitar, teria de uma vez, lhe tido feitas pelo Sindicato da Construção Civil reclamações que já há muito devem ter sido postas em prática, e que consistem no seguinte:

A Câmara constituiria uma comissão de fiscalização composta por um representante do Corpo de Salvação Pública, dois engenheiros dos mais competentes, um mestre de obras e um operário delegado do Sindicato da Construção Civil, que procederia a uma minuciosa vistoria a todos os prédios construídos mais recentemente, mandando apesar das suas limitações de competência de construção.

Afirmava um jornal da noite que o desmoronamento fôr devido à incapacidade profissional dos operários que nele trabalham. Essa afirmação é destituída de fundamento: todos aqueles operários são profissionais competentes. E tanto assim é, que a pesar da área que ali empregavam ser simplesmente terra extraída da quinta onde o referido prédio estava sendo construído, dosselado com uma insuficiente porção de cal de péssima qualidade, o prédio até à altura do primeiro pavimento estava bem construído, no que se refere à mão de obra.

Desse pavimento para cima nota-se a falha quase completa de "enchilagem" para a indispensável travação das paredes, especialmente nos cunhais, cuja "enchilagem" deve possuir, pelo menos, sessenta e setenta centímetros de comprimento e grossura igual à das paredes.

Além disso, as poucas pedras maiores que naquela construção se empregaram, do primeiro pavimento em diante, não lhes fizeram os necessários leitos para poderem possuir o indispensável apoio de resistência porque a tal se opõe sempre o ambicioso "gaioleiro". Isso deu como resultado que as pedras têm de ser acompanhadas com os chamados "miudos", processo este de construção inexistente, porque as paredes são, desta forma, forçadas a darem de si, caindo todo o seu peso sobre os arcos dos vãos das portas e das janelas, quebrando-as e cantarrajando consequentemente segueitas aos desmoronamentos às primeiras bategas de água. Daqui se conclui que não foi a incapacidade profissional dos operários que originou o desabamento daquela gaiola, mas sim o empréstimo de materiais impróprios para a sua construção. Nisso não tinham os operários a menor responsabilidade, tanto mais que preveniram, repetidas vezes, os "gaioleiros" do que iria acontecer. Além disso, se os operários daquela obra não fossem bons profissionais, certamente, com tal material, não teriam conseguido construir o prédio até atingir o telhado.

E', porém, verdade que uma parte dos desabamentos que se têm registado se deve também à incapacidade profissional de muitos operários. Mas, a responsabilidade desses factos cabe ainda aos "gaioleiros" que, arrastados pela ambição dum fortuna em pouco tempo, em vez de empregarem as suas obras verdadeiros profissionais da indústria, se servem de operários estranhos à profissão mandados vir das suas terras só por saírem por salários mais baixos.

E' tudo isto que se tem feito com manifesto prejuízo dos verdadeiros profissionais que

AUXILIEMOS OS PRESOS!

Nos calabouços da polícia e na mortífera Guiné, desenhas de camaradas sofrem duplamente as aguuras do caldeiro e da fome. Sua famílias, privadas dos braços que as mantinham, passam também vida de miséria.

A todos os operários conscientes, a todos os homens de carácter compra auxiliar hoje, com a particular das suas férias, estas vítimas imobilizadas ao feroz ódio que é apanágio da sociedade que vivem.

Auxiliemo-las, pois!

Mais um projecto...

Sob a presidência do vice-almirante sr. Bernardo da Costa, reuniu-se ontem a comissão do domínio público marítimo, que tratou da questão da construção de um porto de pesca em Pedrouços.

N. R. — Por informação que recebemos da Experiência, esse projecto irá dormir um sono no arquivo, para sair a executar ao mesmo tempo que for lançada a ponte sobre o Tejo.

"Admitimos agora que o director dos

funcionários vitais somos nós,

actualmente. Só se não soubermos ser

dignos da nossa personalidade profissional,

só se não tivermos ombridade que é deixar

<

ATRAVÉS DA ÁFRICA

Como se efectivou a pacificação da Guiné Analisa-se algumas causas que poderão influir no desenvolvimento da província

O advento da República marcou uma nova fase na vida da Guiné—fase que está muito longe dos objectivos de civilização e humanidade a que aspiramos, mas que representa, sobre muitos pontos de vista, uma considerável acção progressiva em relação ao passado, o que seria feia acção ocular.

De forma alguma, eu e todos os que pretendemos uma vida social mais justa, mais equitativa, poderemos aceitar, sem protestos, um sistema colonial como este porque se rege o mundo; mas tal aspiração de modo algum impede um jornalista de prosseguir na sua reportagem inquirindo das causas e efeitos, marcando imparcialmente os termos da evolução porque passou esta colónia, sem que dos seus comentários ou afirmações se deva concluir que transige ou colabora com fórmulas condonadas.

O advento do regime republicano—dizia eu—marca uma nova fase na vida da Guiné. Então, como ainda hoje, a província ostentava a sua rica superfície de 36.125 quilômetros quadrados, conforme o tratado com a França em 1886, ratificado em 1888. Dium sistema de ilhas mais ou menos afastadas cujos litorais formados por terras baixas e alagadiças são encortados de importantes rios e canais, este vasto território compreende Bolama, Bissau, Bafatá, Jatta, Pécise, Caio, e o arquipélago de Bijagóz que se compõe das ilhas: Carasce, Caranela, Unhocomo, Uno, Urucane, Eguba, Orango, Camogo, Orangosinho, Meneque, Emupa, Onibone, Canhaque, Buban, Galinhas e Bubaque, actual sede da circunscrição do arquipélago.

Todas estas regiões, tanto na parte continental que podem considerar-se Bissau a Bafatá, até às fronteiras francesas, como a restante parte insular, estão cobertas de imensas florestas onde vivem milhões de espécies botânicas, abundando o poitão gigante, o pau sangue, o cibe, o mogno, a calabaceira, variadas espécies de borracha, a árvore donde se extrai o incenso, diversas palmeiras, enfim a mais numerosa prole dessa família africana de erbescós, árvores e arbustos dos nomes mais complicados.

Toda a terra está coberta desse verde brilhante, dum paisagem luxuriantíssima que mergulha as raias no lodo, de ramaras que não param de subir, nem cansam de sugar a humidade quente; e sucedem-se, nas intermináveis planícies, as paizagens de mil tons—aque os renques de bambus altíssimos formando toldos fantásticos e balonantes; além as aquáticas plantações de das de arroz onde ondula um verde doce e venenos; acolá, junto às palhotas de taipa e andala seca, hortelos com banana, manga, limoeiros, e "milheira"; e por toda a parte, num largo redor, sobre matagais de tento capim, disputando a altura, cerradas filas de esguias palmeiras, ondulando graciosamente leques de plumagem verde, escupindo no ar quente o recorte impecável das suas palmas, assim como divisa heraldica de apurada geanomografia timbrando no céu azul africano.

Toda esta exuberância de vegetação brota espontaneamente do solo, exceptuando—naturalmente—as plantações de arroz, milho, mancarra, e algumas árvores de fruto, na grande maioria tudo isto propriedade do indígena, que utiliza parte desta produção, vendendo a restante ao comerciante.

Então, como ainda hoje, o europeu pouco ou nada desenvolvia a agricultura, a não ser pelo relativo estímulo da compra à maior parte dos terrenos cultiváveis da Guiné estavam por aproveitar, havia e há florestas enormes, densíssimas onde nunca se gravaram pégadas humanas; e o desenvolvimento agrícola apresentava-se, sempre, tão problemático que ainda hoje, a pesar de todos os impulsos e propagandas, da área de 144.775 hectares das concessões, não estão devidamente aproveitados 100 hectáreas, que nem chegam a interessar metade de empresas.

Imagine agora o leitor dentro desta área enorme, e com sistemas rotineiros, a mover-se cerca de 800.000 indígenas—os fulas, mandingas, jalofos, felipes, papeis, manjocas, banhuns ou brames, balantas, biabadas, carrangas, nalu, bijagóz—duzentas raças que se subdividem em muitas mais, cada uma com a sua característica, com os seus usos e costumes absolutamente diversos, com interesses quase sempre antagónicos, embora a organização social, em estado selvagem, quase primitivo, seja comum a todos, tendo na família, como base, poliamia, e na religião o fetichismo—com exceção dos maningas e alguns fulas, um pouco mais civilizados, que professam o culto maometano.

Todas estas raças, em geral belicosas, detestam-se entre si, num ódio aceso e secular, tendo sido nesse ódio que assentou, principalmente, o domínio português—que não tem impedido que algumas se tenham revoltado com manifestações cruéis contra os portugueses.

Orientando a insignificante actividade da província, como que a enfrentar os desordenados embates daquela enorme massa negra, existiam apenas umas centenas de europeus e a colónia caboverdeana, no funcionalismo, no comércio, disseminados em pontos distantes, nomeadamente em Bolama, Bissau, Bafatá, Cacheu e Farim.

Para acabar de completar o seu juizo, suponha agora o leitor, tóda esta vasta região sem estradas; a agricultura exclusivamente dependente do indígena, sem normalidade possível devido aos focos insurrecionais que explodiam constantemente, o comércio terrestre e marítimo, consequentemente desorganizado; um estado sanitário terrível; Bissau, o melhor centro comercial, devido à riqueza do Géba e à posição marítima, entapado dentro dos seus muros e sob a ameaça dos "papeis" andacisoss; e Bolama, a capital burocrática, insensível como um "takir", já habituada a males de longa data e à imprevidência criminosa dos governos metropolitanos politiqueros e incompetentes.

Tal é o miserável quadro que a Guiné apresenta ai por 1919—com uma actividade prática que pode bem avaliar-se pelo seu exiguo orçamento de 33.234.539, cuja receita não dava ainda para a despesa, apresentando "déficit" de 59 contos; e pelo seu pequenissimo movimento comercial de 2.467 contos desequilibrado já com um saldo desfavorável de 58 contos!

E, uma vez realizada a pacificação, que a justiça tanto deve ser para o branco como o preto, sem se esquecer que este ainda é o melhor e o maior auxiliar que aquele conta em África para valorizar trabalho e intensificar fortuna. Não se trata, já, duma teoria sentimental, mas dum intuitivo princípio de economia, que é lugar comum.

Mar da África, Setembro de 1925.

Juliano QUINTINHO

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Na Penitenciária de Lisboa estão-se passando graves irregularidades

Dum recluso da Penitenciária de Lisboa, que pede para ocultar o seu nome, recebemos a carta que a seguir reproduzimos:

Sr. director:—Existe nesta Bastilha um dispenseiro que bastante tem enriquecido à custa dos desgraçados reclusos. Mencionado com os fornecedores, de quem recebe chorudas gratificações, manda meter nos caldeiros toda a potrela que os fornecedores para cá enviam.

Este dispenseiro, um tal Silva, fez parte da "Traulitânia" no Pôrto e, segundo consta, desempenhou bem o seu cargo de "trauliteiro".

No último dia feriado o rancho da tarde dos guardas constou de belo cozido à portuguesa, arroz corado e sopa bem temperada. O rancho geral constou de massa com feijão branco—um feijão que causa sono—sem tempo algum e cheirando mal devido à sua má qualidade. Há ocosões em que o rancho do meio-dia não se pode tragar, pois causa náuseas aos estômagos mais fortes. Quando o rancho é de carne ou bacalhau, tem-se a impressão de que tais coisas são fornecidas pelo Guano. Além disso somos roubados descaradamente na racação.

O tal Silva tem como seu auxiliar um cão-nalha da pior espécie, que dá pena a alcunha de "Biscuit", o qual não tem escrúpulos algum em prejudicar os seus companheiros de infarto. Este indivíduo, que é o penitenciário n.º 176, está encarregado de fazer as notas dos abonos para a cozinha e também disso usa de vários processos juntamente com o "trauliteiro" para que têda a porcaria enviada pelos fornecedores seja metida, nos caldeiros dos desgraçados reclusos. O 176 faz isto porque está abandonado no rancho das guardas e também comparte a das boas postas de carne que os fornecedores todos os dias enviam para o Silval, assim como das várias gratificações. Se semelhante patife tivesse de comer o que os restantes presos comem, com certeza que se não prestaria a encobrir as poucas vergonhas do despenseiro. O 176 no dia 1.º de Dezembro, como de costume, pretendeu roubar cinco quilos de bacalhau. Porém, o guarda que estava de serviço à cozinha não permitiu que semelhante roubo se fizesse.

As presas do 176 não ficam por aqui. Outro dia elas serão tornadas públicas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Carpinteiros civis

A secção profissional dos carpinteiros civis resolveu realizar definitivamente no próximo dia 13 a festa que devia ter efectuado no passado dia 29.

O programa constará do seguinte:

A's 12 horas, sessão solene referente à fundação do sindicato, inauguração da nova bandeira e dos retratos de Gualdino Rosa e Francisco Rodrigues Aparício, já falecidos. A's 14 horas, palestra por Santos Arruda, subordinada ao tema: "O que é a Associação". A's 15 horas, "matinée" pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, representando o drama em 1 acto "O Triunfo" e a comédia "Um ano depois".

A festa é abençoada por duas bandas de música e seguida de quermesse.

OS QUE MORREM

João Vicente Leal

Efectua-se hoje, pelas 11 horas, o funeral do avô do nosso camarada Virgílio de Sousa, João Vicente Leal, saíndo o presbitério da sua residência, rua Leandro Braga, 11, 1.º Dt., a Campolide, para o cemitério de Benfica.

Mario Machado

CONFLITO DOS BOMBEIROS MUNICIPAIS AGRAVA-SE

COIMBRA, 3.—Conforme noticiámos os Bombeiros Municipais tinham resolvido apresentar à sessão de hoje da Câmara Municipal uma succincta exposição das suas reclamações pedindo o rápido andamento do inquérito que se está procedendo aos actos do chefe José Guerra.

Quando tudo esperava que a Câmara adotasse um critério tolerante e inteligente, onde afirmasse a sua boa vontade para uma honrosa solução do conflito, surge, pelo contrário, uma resolução que de sobra demonstra a tacanha de espírito de que são dotados os senhores vereadores.

A Câmara, em face da briosa e ativa atitude dos bombeiros, resolve única e simplesmente expulsar da corporação aqueles seus componentes que assinaram a representação!

Esta resolução foi tomada por unanimidade!

Gostaríamos de saber em que princípio se baseou a Câmara para tomar esta resolução? Pois, se assim é, não pode basear em que esta fôsse tomada para salvar qualquer princípio de disciplina, devendo a que os bombeiros não se disciplinaram, antes têm mantido uma linha de conduta que muito o dignifica.

E avaliou bem a Câmara a gravidade do gesto que acaba de tomar?

E' preciso que o público saiba que, com a expulsão dos 24 bombeiros que assinaram a representação, fica o Corpo de Bombeiros reduzido a três homens e desses só um estará apto a desempenhar serviços de responsabilidade, pois os dois restantes são homens de idade já avançada e pouco poderão fazer no caso dum incêndio.

Ou estará a Câmara disposta a abandonar a cidade às confinidades dum incêndio, que poderão trazer consequências bem trágicas para os seus habitantes?

Nós, os munícipes, já estamos acostumados a Câmara votar um profundo desprêzo pelos serviços de incêndio, que, de resto, era aos que ela deveria prestar as suas principais atenções.

Coimbra, a terceira cidade do país, tanto na sua importância comercial e industrial, como no número dos seus habitantes, tem um serviço de incêndios deficientíssimo, mal organizado e pessimamente orientado.

Toda a gente sabe que, quando há algum incêndio de vulto, essa falta se faz sentir numa maneira que não deixa dúvidas a ninguém de que a população tem as suas vidas e baveres entregues às contingências do acaso.

Ou estará a Câmara confiada nos serviços da Corporação dos Bombeiros Voluntários?

Mas é que esta corporação—embora valiosa—tem um reduzido número de homens, se atendermos às necessidades da cidade.

Fazemos estas considerações, que julgamos oportunas, para que a população avale bem a gravidade desta questão, que com um pouco de inteligência poderia ser resolvida sem quebra de dignidade para ambas as partes.

E' necessário que todos os municípios se apercebam da necessidade de o conflito ter uma solução rápida, salvaguardando sempre os desejos de justiça manifestados pelos humildes bombeiros.

Informamo-nos que os bombeiros expulsos vão publicar um manifesto à cidade e aos bombeiros de todo o país.

Do que fôr passado informaremos.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em "cautich". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

Mario Machado

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Um número de revista de sensação António Bonzo e Zé Canhoto



Croquis: flagrante dos artistas Alberto Ghira e José Silva, que hoje, sábado se exibirão na revista RATAPLAN! cantando quadras políticas ao desafio na festa do actor Alberto Ghira, no "Teatro Maria Vitória".

TEATRO NACIONAL

Telefone Norte 3049

HOJE
Ainda mais uma récita
COM
A GRACIOSA
COMÉDIA

BREVEMENTE
1.ª representação nessa época
da célebre peça
A SEVERA

AS DUAS METADES

CARTA DE COIMBRA

Deportações

A polícia proíbe uma sessão no Alto do Pina e outra em Marvila

Contra o que estava anunciado não se realizou ontem no Alto Pina a sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e prisão de operários sem culpa formada, em virtude da polícia tê-la proibido a pretexto de que não estava autorizada pelo governador civil.

No entanto foi aprovada uma moção que terminava por protestar contra tão iníqua situação e dar todo o apoio ao movimento tendente a conseguir o regresso dos deportados e libertar os presos sem culpa formada.

Também em Marvila a polícia não permitiu que se efectuasse a sessão no sindicato dos Tanoeiros, o que levantou vários protestos da assistência, sendo verberado energeticamente o irritante proceder das autoridades.

A' memória de Sacadura Cabral

O livro de ouro "Portugal Maior" teve a gentileza que muito agradecemos, de nos oferecer um artístico retrato de Sacadura Cabral que encerra uma sentida legenda do seu companheiro do raid Lisboa-Brasil, almirante Gago Coutinho.

SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia.

Hoje último dia das festas organizadas pela direcção com um grandioso baile abençoado por um grupo musical sob a direcção de Cristóvão Gonçalves, havendo dois lindos prémios.

TIVOLI
TEL. N. 5471
A's 8 horas e 3/4

A Irmã Branca

Superfilm em 12 partes

Principal interprete LILLIAN GISH

Pamplinas nasceu no dia 13

Ciné farça com BUSTER KEATON

Uma revista cinematográfica

Amanhã—Matinée às 3 horas

O café do Gimnásio

Inaugura-se hoje, pelas 16 horas, o café do teatro do Gimnásio. A Empresa do teatro enviou-nos um cativante convite que agradecemos.

SOLIDARIEDADE

Pró sede sindical

Realiza-se na segunda-feira da semana que vem uma festa na sede do grupo dramático e desportivo "Os aliados", rua Barão de Sabrosa, cujo produto reverte para auxílio dos melhoramentos a fazer na sede das secções da construção civil e metalúrgica.

A comissão organizadora previne todos os camaradas e organismos a quem foram passados bilhetes para fazerem a sua liquidação até às 15 horas do próximo domingo, na sede da secção da construção civil, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º.

Os bilhetes com a data de 28 de outubro têm validade para esta festa.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 7,40
D.	13	20	27	Desaparece às 17,15
S.	7	14	21	28
T.	8	15	22	29
Q.	9	16	23	30
O.	10	17	24	31

MARES DE HOJE

Fraijamar às 5,44 e às 6,03
Baixamar às 11,14 e às 11,33

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid cheque..	2881	
Paris, cheque...	376	
Suica,	379	
Bruxelas cheque	89	
New-York,	19500	
Amsterdão	7991	
Italia, cheque	79	
Brasil,	278	
Praga,	59	
Suecia, cheque..	526	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4568	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional—As 21—As duas Metades.
São Carlos.—As 21,30—O Príncipe João.
Politeama—As 21,30—Aparição de hoje.
Trindade.—As 21,15—Cló Cló.
Simónio—As 21,15—Guerra ao vinho.
Apollo—As 21,15—Pápa Lebowski.
São Luís—As 21—Os Gávios.
Erenice—As 21,15—O Pão de Ló.
Eden—As 21,15—No país de tiranos.
Maria Vitoria—As 20,30 e 21,30—Rataplan.
Coliseu—As 21—Companhia de circo.
Joaquim de Almeida—Animatógrafo e variedades.
Salão São...—Animatógrafo e Variedades.
El Vicente (à Graca)—As 20—Animatógrafo.
Erenice Ercé—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terraço—Ideia—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

Menstruação UTERIN do DR. R. WOLFF, de Berlim

E' um medicamento sem rival, visto a sua infalibilidade na amenorréia; isto é, na falta, supressão ou irregularidade da menstruação, bem como na Dismenorreia, menstruação difícil que sempre vem acompanhada de náuseas e de cólicas uterinas tão fortes, que obrigam a recolher à cama durante 24 horas.

O uso deste preparado sobreleva tudo quanto, até hoje, tem aparecido em virtude dos seus efeitos rápidos e certos.

Os incômodos próprios da falta de menstruação, como: dôr de cabeça, vertigens, zumbidos nos ouvidos, sonolência, dôres nos rins, etc., desaparecem passado pouco tempo com o uso deste maravilhoso remédio, de composição inteiramente vegetal.

Tomar na devida atenção o prospecto que acompanha cada exemplar, no qual está indicada a forma de usar.

Preço—Escudos 15\$00; pelo correio, escudos 16\$00.

A venda no agente e depositário geral para Portugal e Colônias—Fernando da Silva, 188, rua da Madalena, 190, e na Farmácia Portugal, rua Augusta, 218, e no Pôrto, Farmácia Central, de Salgado Lencart, rua de 31 de Janeiro, 203.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalmo ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à admin

A BATALHA

O custo da vida está encarecido de tal forma que o operariado para viver terá que fazer vaidades por dia.

A luta dos corticeiros contra a baixa de salários

Comunicados da greve

Os grevistas corticeiros, segundo comunicados que recebemos de São Tiago do Cacem, Alhos Vedros, Amora, Seixal, Poco do Bispo, Setúbal, Castelo Branco, Odemira, Barreiro, Messines, Silves e Sines, mantêm inalterável o seu espírito de resistência na luta que tão nobremente mantém há quase seis semanas, não furtando a todos os sacrifícios para triunfar da criminalidade dos industriais contra os parcos salários que auferiam.

Em Aldeagalega, onde a greve se mantém brillantemente, organizou-se uma comissão de operárias chacioneiras, também em greve, e de trabalhadores rurais, a fim de promover no próximo domingo um comício de solidariedade para os corticeiros em greve.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas:—Vamos entrar na sexta semana de luta, sem que a fé de vencermos a criminala remetência dos nossos industriais tenha quebrado. Mais do que nunca é preciso intensificarmos a nossa luta, mormente quando o custo da vida continua a subir de forma assustadora e o inverno se prepara para nos torturar com as suas inclemências.

Todos os trabalhadores, nossos irmãos de labuta, se aprestam para nos prestar solidariedade. Saibamos ser dignos da honra que nos nossas tradições de classe que nunca se deixou esquecer.

Que as fábricas continuem abandonadas enquanto aqueles que têm engordado com a nossa miséria persistirem em nos condenar à fome e aos nossos filhos.

As cinco semanas de luta são o passado. Lutemos pelo futuro que outro não pode nem deve ser do que a vitória que bem merecemos.

Viva a greve!

O Comitê.

Federação Corticeira Nacional

Reúne amanhã o Conselho Federal, pelas 12 horas próximas, para assunto importantíssimo.

A comparsência de todos os delegados directos e indirectos é indispensável.

Um apelo da Federação Nacional da Construção Civil aos Sindicatos da sua Indústria

Operários da Construção Civil de todo o país: Vós que em todos os tempos tendes sabido prestar incondicionalmente a vossa solidariedade a qualquer classe que de necessite, deveis encarar a luta titânica que os nossos camaradas da indústria corticeira vêm mantendo contra a imposição infame dum redução de salário, no momento precisamente em que todos os gêneros essenciais à vida estão aumentando extraordinariamente de custo.

12.000 operários em greve; outras tantas famílias sofrendo as consequências da infame ambicção dos industriais.

A luta para onde foram lançados os operários corticeiros deve ser encarada como sendo nossa também e por esse facto ela deve sair vitoriosa cuide que o custe.

Por intermédio dos nossos Sindicatos devemos prestar-lhes toda a nossa solidariedade moral e monetária, abrindo imediatamente quetes em todas as obras, fábricas e oficinas.

Que nenhum operário da C. Civil, que se encontre trabalhando, deixe de secundar o apelo da sua Federação.

A Comissão Administrativa

Um apelo do S. U. do Mobiliário de Lisboa

Este sindicato exorta todos os operários do mobiliário a abrirem hoje quetes nas oficinas em auxílio dos grevistas corticeiros, prestando-lhes assim a solidariedade a que a sua heroicidade tem juz.

Uma exortação da Secção Metáurgica de Belém

A Secção Metalúrgica de Belém apela para os seus filiados no sentido de que hoje não esqueçam a solidariedade a prestar aos grevistas corticeiros.

Um comício em Almada

O comício efectuou-se no amplo salão da incrível Almadaense que se encontrava literalmente cheio de trabalhadores de todas as classes, tendo o comércio encerrado as suas portas.

A 19 horas, o camarada Matias Rocha, delegado da Federação Corticeira, abriu o comício e em breves palavras, histórias as causas da greve e da justiça que assiste à classe corticeira ao defender-se da baixa de salários que o patronato injustificadamente quer impor.

João Guerreiro, membro da comissão organizadora do comício, descreve a crise que o operariado corticeiro atravessou em todo o período da guerra que a reduziu à extrema miséria. E só depois da guerra foi possível encontrar mais algum trabalho; porém, aos industriais sempre animou a ideia de reduzir os operários, por meio da fome, a mais extrema docilidade.

Os corticeiros, após algum tempo dum labor mais que regular, eram novamente atirados para uma situação bem mais difícil: a crise de trabalho que antes da greve se vinha sofrendo, e a baixa nos salários que, sem nenhuma razão, os industriais querem impor.

Silva Campos, delegado da C. G. T., saúda os grevistas em nome do proletariado confederado, afirmando que tudo será tentado para que a solidariedade seja prestada aos corticeiros em greve.

Reporta-se a ação dissidente que o industrialismo tem exercido, quanto ao desenvolvimento da indústria, ludibriando o mercado estrangeiro com a qualidade das corticas.

São, pois, eles que com o seu egoísmo tiveram arruinado cada vez mais a indústria corticeira. Não contentes com as falcatruas ruinosas para a prosperidade da indústria, a que não falta a matéria prima, os industriais tem competência para o desenvolvimento industrial, lançam-se sobre os operários a quem querem arrancar a pele. O movimento dos operários corticeiros é quanto há de mais justo; portanto eles devem manter a todo o custo.

Augusto Soares, metalúrgico, saúda a classe em greve, que diz ser portadora de belas tradições que jamais deverão ser ofuscadas, e apresenta a seguinte moção:

Considerando que a luta dos corticeiros contra a redução dos salários, se arrasta há 5 longas semanas, sem que os industriais se disponham a dar ouvidos à razão que assiste aos grevistas;

considerando que o agravamento das condições económicas não só não permite a aceitação pelos trabalhadores de qualquer redução de proveitos como os colocam na expectativa de terem que empreender novas lutas de aumento de salário com que possam satisfazer a usura dos que negociam os gêneros essenciais à vida;

considerando que a luta dos corticeiros assumiu já o aspecto dum grande batalha em defesa das regalias que usufruem todos os trabalhadores;

considerando que os grevistas, pela sua abnegação e disposição de vencer, bem merecem da solidariedade de todos os seus irmãos de sofrimento;

O povo de Almada, reinado em comício público, a 3 de Dezembro de 1925, resolve:

1.º Afrimar-se na disposição de contribuir de todas as maneiras, moral, material e monetariamente, para que os grevistas corticeiros saiam vitoriosos e possam garantir pôs aos seus lares.

2.º Lavrar o seu mais veemente protesto contra a atitude dos industriais corticeiros e responsabilizá-los por tudo o que possa resultar da duração deste movimento que está sacrificando impiedosamente muitos milhares de criaturas.

3.º Incitar todos os trabalhadores desta área a prestar aos corticeiros a mais ampla solidariedade.

O presidente, não havendo mais oradores, exorta, mas uma vez, os grevistas a defendê-los, o seu pão e os seus. Põe a moção à votação, sendo aprovada por aclamação com um caloroso viva à greve. Encerrou-se a sessão com vivas à C. G. T., à Batalha, etc.

Um comício em Belém

Como ontem dissemos, estava convocado um comício dos trabalhadores da área de Belém. Este comício efectuou-se no salão da construção civil, à rua Paulo de Gama.

Presidente Ramos Seta, secretariando António José Setúbal e Justino Camacho.

Usa da palavra José Serra, delegado da Federação Corticeira, em primeiro lugar. História as "démarches" feitas pela respectiva comissão federal, junto dos industriais. Os industriais basearam-se—diz—nas condições especiais em que se encontra a indústria para procurarem manter o seu ruim propósito. Eles dizem, entretanto, que saem bem qual a situação crítica em que a classe vive.

Ora, elas conhecem as ultra-precárias condições económicas dos operários, e então como é que se concebe que mantenham o desejo de esmagar mais a classe?

Semelhante atitude é a que há de mais criminoso, pois conhecendo, como ninguém, a miséria de milhares de operários, a sua obra é uma consciente obra de assassinato colectivo.

Sebastião Marques, da Câmara Sindical do Trabalho, vem em nome deste organismo apresentar à classe corticeira os protestos da solidariedade daquele organismo.

Não verdade não se comprehende como é que estando vários gêneros a subir de preço precisamente no momento que passa, haja industriais que pretendam reduzir os salários. E' que se trata dum conluio entre o patronato contra o proletariado. E' por isso, considera que esta luta não é apenas dos corticeiros: é de toda a classe trabalhadora.

A. C. S. T. manterá, pois, a sua solidariedade de classe corticeira. Apela para o operariado de todas as classes para que saiba cumprir o seu dever de solidariedade para com uma classe, que, através de todos os tempos, sempre soube cumprir o seu.

M. J. de Sousa, pela C. G. T., diz que este organismo já dirigiu um apelo aos organismos sindicais para que as restantes classes trabalhadoras prestem a sua solidariedade à classe corticeira como às demais classes que estão em igualdade de circunstâncias.

Faz um prolongado estudo às condições económicas geradas do proletariado e a posição do capitalismo, cujo único fim é depauperar fisicamente os trabalhadores para com mais facilidade os seguir a todas as suas ambições. O proletariado está em face dum dos maiores ataques do capitalismo, e, embora com sacrifício, terá que responder-lhe condignamente e por uma forma que o convenga de que não pode mais tripudiar impunemente. É uma obra colectiva, de todos os trabalhadores e todos os tempos que dará a máxima demonstração de solidariedade.

José Amores, corticeiro, deseja poder transmitir toda a revolta que lhe vai na alma. Os industriais corticeiros desejariam neste momento matar pela fome a classe corticeira. Recorda que durante os quatro anos da guerra a classe corticeira foi das que mais sofreu. Que sucedeu depois da guerra? Isto que se está a ver! Fizeram fortunas fabulosas e nem nessa ocasião nem agora os industriais querem reconhecer a justiça que assiste à classe.

Consentiu a classe numba baixa e os industriais não satisfizeram a sua voracidade. Poderá a classe consentir em mais este crime? Não. A classe, que tem sofrido já muito, safrá sofrer mais o que for necessário para sair vitoriosa da luta.

Jacinto Rufino, engenheiro-maquinista marítimo-a-pesar-de, por motivos profissionais, ter estado fora do país e por isso não estar inteiramente ao corrente do que se passa, ele sabe agora quanto gigantesca é a luta dos camaradas corticeiros, neste momento em que o patronato pretende reduzir o proletariado à fome. E' necessário existir vontade e energia para vencer, embora que com risco da vida pela falta do alimento necessário. E' isso o que nota nesta gloriosa classe. Está na frente o espectro da fome? Mas quando esta apertar as famílias dos grevistas, ninguém tem o direito de ficar quieto ante os lugares onde se encontram os alimentos e os vestuários necessários.

Não acredita nos prejuízos dos industriais. Ainda não se viu que algum dos industriais estendesse a mão à caridade. E os corticeiros, como todos os camaradas, desde que lhes falte o salário, logo sentem essa falta.

O relatório considera o governo grego como responsável pelos prejuízos causados e propõe a condenação da Grécia no pagamento duma indemnização à Bulgária de 30 milhões de "levas".

O conselho executivo da Sociedade das Nações reúne-se na próxima segunda-feira para apreciar o relatório.

A Sociedade das Nações e o conflito grego-búlgaro

GENEBRA, 4.—O relatório da comissão de inquérito ao incidente da fronteira grego-búlgara, nomeada pelo conselho executivo da Sociedade das Nações, constata a violação grega do pacto da mesma sociedade pela invasão injustificada do território búlgaro.

O relatório considera o governo grego como responsável pelos prejuízos causados e propõe a condenação da Grécia no pagamento duma indemnização à Bulgária de 30 milhões de "levas".

O conselho executivo da Sociedade das Nações reúne-se na próxima segunda-feira para apreciar o relatório.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

O operariado inglês contra a visita do chefe da quadrilha fascista

Informa o Daily Herald que lavra grande descontentamento entre os membros das trade-unions por causa da notícia da próxima visita do traidor Mussolini à Inglaterra.

Têm sido aprovadas várias moções, declarando que o chefe do bando dos "camisas negras" não é digno de visitar a Inglaterra, e que deve ser boicotado pelo partido trabalhista e chefe das trade-unions e cooperativas.

Sobre tudo, o assassinato de Matteotti e a atitude que as autoridades italianas tomaram para com os seus infames e cobardes assassinos, tem encrado de nojo e de ódio o povo inglês de todos os partidos para com a quadrilha que actualmente tripudia a vontade sobre o escravizado povo italiano.

A luta contra a redução de salários na América do Norte

No "paraiso" dos trabalhadores também anda empenhada na criminosa tarefa de reduzir os salários aos seus empregados toda a quadrilha que dentro da lei vive do roubo do trabalho alheio.

No entanto, os trabalhadores em muitas localidades têm abandonado o trabalho em sinal de protesto contra mais este abuso do insaciável capitalismo.

Assim em Passaic, Nova Jersey, estão em greve 308 operários das fábricas de tecidos de lá ameaçados pelos patrões com uma redução de 10%, nos salários.

Em North Bergen, Nova Jersey, também estão em greve 250 operários contra uma pretendida redução de salários de 20 a 25% agravada ainda com a intimidação de cada operário passar a trabalhar com três ou quatro teares, em vez de dois, como até agora.

O congresso dos trabalhadores da raça negra

Terminou em Chicago o congresso dos operários de afro-americana que saiu com resultado conforma a tática dos industriais; porque tem este organismo conhecimento que o "alma danada" vai mudar de tática visto que não deu os resultados desejados a primitiva.

Assim já observamos que no passado sábado fechou uma casa, das mais importantes em litografia, e que os seus proprietários,—que são os mesmos, apesar de mudarem de rótulo—querem reabri-la com a redução de salários e com um quadro mais restrito do que o primitivo.

Assim o sindicato dos litógrafos aconselha os operários que nessa casa trabalhavam, para que não aceitem tal pretensão, visto que é mais uma manobra do "alma danada" que toda a classe conhece.

Breveamente vai-se realizar uma grande assembleia do proletariado litográfico onde serão postas à prova todas estas traficâncias do industrialismo.

Os operários litógrafos devem estar a postos para responder dignamente.

CRISE DE TRABALHO

Na indústria litográfica está-se desenvolvendo com muita intensidade

De há um tempo a esta parte que a classe dos litógrafos e anexos se vem sentindo uma grande crise de trabalho, crise motivada pela ganância do industrialismo e ao mesmo tempo, por pactos que ultimamente se tem feito no sentido de reduzir os salários aos operários. Nunca com tanto fervor a crise se tem sentido como nestas últimas semanas.

E assim constata-se que casas havia que até aqui tinham trabalho é de um momento para o outro reduzem os seus operários a 3 dias por semana. Mas donde parte isto tudo sabe muito bem o sindicato dos litógrafos, que conhece de sobejos tódas as manobras do "alma danada... disto tudo. E de facto isto é assim. Tódas as suas combinações têm dado os resultados que o mesmo "alma danada" deseja que é reduzir os salários. Todavia constata-se que de todos os "trucs" que estes senhores tem levado à prática, eles não têm dado os resultados que talvez quereriam, por que a isso se tem oposto a classe litográfica, respondendo a todas as suas pretensões com uma negação formal, e estando ao mesmo tempo disposta a agir conforme as circunstâncias a aconselham.

O sindicato dos litógrafos põe todos os operários de afro-americana para que saiba corresponder conforme a tática dos industriais; porque tem este organismo conhecimento que o "alma danada" vai mudar de tática visto que não deu os resultados desejados a primitiva. Assim já observamos que no passado sábado fechou uma casa, das mais importantes em litografia, e que os seus proprietários,—que são os mesmos, apesar de mudarem de rótulo—querem reabri-la com a redução de salários e com um quadro mais restrito do que o primitivo. Assim o sindicato dos litógrafos aconselha os operários que nessa casa trabalhavam, para que não aceitem tal pretensão, visto que é mais uma manobra do "alma danada" que toda a classe conhece.

Breveamente vai-se realizar uma grande assembleia do proletariado litográfico onde serão postas à prova todas estas traficâncias do industrialismo.

Os operários litógrafos devem estar a postos para responder dignamente.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados os operários serventes e pedreiros que se encontram inscritos na lista dos operários em serviço a comparecerem hoje às 10,30 da manhã, na sede deste Sindicato, Calçada do Combro, 38-A, 2.